

**Epigramas votivos helenísticos: tradução, introdução e comentário**

Luiz Carlos André Mangia Silva

Universidade Estadual de Maringá – UEM

lcamsilva@uem.br

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos a tradução de 50 epigramas votivos helenísticos. O epigrama foi um gênero poético muito cultivado pelos antigos, especialmente durante a Helenística, época de seu esplendor. Em um vasto acervo de mais de 4 mil epigramas, a *Antologia Grega* recolhe, no Livro 6, 358 poemas de tema votivo: quase metade do volume é helenística e esteve abrigada na famosa antologia de Meleagro de Gádara, publicada na década de 90 a.C. Os poemas são votivos porque configuram uma dedicatória endereçada aos deuses, em súplica ou agradecimento. As traduções foram feitas com critérios poéticos, usando versos como o decassílabo e o decassílabo “quebrado”. Além de texto introdutório, apresentando os poemas e os poetas, elaboramos notas explicativas a cada um dos epigramas.

75

**Palavras-chave:** epigramas votivos ou dedicatórios; *Antologia Grega* (Livro 6); tradução poética

**Hellenistic dedicatory epigrams: translation, introduction, and commentary**

**ABSTRACT:** This paper consists in introducing the translation of 50 dedicatory Hellenistic epigrams. The epigram was widely cultivated in Antiquity, especially during the Hellenistic period, the splendor of this form. The *Greek Anthology* collects more than four thousand of these poems, gathering dedicatory compositions in Book 6 (358 poems), from which around half once was in the well-known Meleager of Gadara’s anthology, from 90 b.C. These poems are said to be dedicatory or votive since they arrange inscriptions offered to the gods, either for beseech or acknowledgement. In this paper, we present the poetical translations into Brazilian Portuguese and an introduction on the poems and poets as well as explanatory notes to each and every epigram.

**Keywords:** dedicatory epigrams; *Greek Anthology* (Book 6); Portuguese translation



## Introdução

A *Antologia Grega* (AG) é a maior coletânea de epigramas gregos de todos os tempos e guarda em dezesseis livros mais de 4 mil poemas de mais de uma centena de autores de diferentes regiões e épocas. A coletânea tem por base antologias antigas, entre elas as de Meleagro de Gádara (I a.C.), Filipe de Tessalônica (I d.C.) e Agatias de Mirina (VI d.C.). A antologia de Meleagro, intitulada *Guirlanda* (Στέφανος), é a mais importante e mais antiga do grupo e dela derivam todos os poemas traduzidos aqui.

Os poemas da AG nos chegaram por meio de dois manuscritos principais, o primeiro deles datado de 1301, redigido em Constantinopla pelo clérigo Máximo Planudes e com grande difusão desde o Renascimento. O códice encontra-se atualmente em Veneza (*Marcianus 481*). Outro manuscrito mais importante e mais amplo do que este foi encontrado em 1606 em Heidelberg e é datado do século X. Ele abriga os poemas em 15 livros temáticos e o códice, composto de duas partes (*Cód. Grec. 23* e *Cód. Suppl. 384*), está guardado respectivamente em Heidelberg e Paris. Conhecida como *Palatinus Heidelbergensis gr. 23*, a coletânea inclui todos os poemas presentes em Planudes, exceto 388, que costumam ser alocados no Livro 16 ou “de Planudes”, sendo essa a base para as edições modernas.

O Livro 6 da AG abriga 358 epigramas de tema votivo. Desses, segundo os critérios de Gow e Page (1965b, p.256-257), 141 são helenísticos e compuseram uma das séries temáticas da *Guirlanda* de Meleagro, nesse caso votiva (ἀναθηματικά). Com base nesse acervo, selecionamos os 50 poemas que mais brilharam dentro do conjunto, às vezes pela qualidade das imagens, às vezes pela representatividade dentro do gênero, às vezes pela altivez da emoção poetizada. São poemas endereçados aos deuses, pedindo ou agradecendo uma graça alcançada, às vezes acompanhados do objeto dedicado. Um dos motivos comuns da oferta de ex-voto às divindades é a ocasião da aposentadoria, quando flagramos o suplicante entregando os instrumentos de trabalho e agradecendo ao seu deus padroeiro pela carreira exitosa (como o carpinteiro no poema 16, por exemplo). Outras vezes, o motivo é a cura de uma chaga (poema 6) ou o alívio na hora do parto (poema 14) ou a proteção na guerra (poema 13) ou o êxito na colheita (poema 31) – todas essas situações suscitam um poema votivo.

Não obstante, tais contextos são muitas vezes fictícios: o suplicante finge realizar a ação descrita e oferecer o objeto ao deus. No poema 19, por exemplo, uma pele de leão é dedicada pelo vaqueiro Soso a um deus inominado, num momento em que não havia leões na Grécia, o que leva os comentadores a

considerar o epigrama como fictício (Fernández-Galiano, 1978, p.95; Gow e Page, 1965b, p.357); some-se a isso o nome Soso (“Salvador”) aparentemente motivado pelo contexto. É sabido, porém, por dados oferecidos ocasionalmente pelos versos e por outras fontes, que algumas dessas dedicatórias eram verdadeiras, acompanharam de fato os objetos nomeados e foram depositadas com eles aos pés de algum deus ou deusa em um templo determinado. O poema 10, por exemplo, pode ser genuíno: ele representa a dedicatória de cachos feita pela soberana Arsinoé em nome da deusa Ártemis (Fernández-Galiano, 1978, p.297; Gow e Page, 1965b, p.224). Na maioria dos casos, contudo, é difícil precisar se o poema tem lastro no real, na vida de algum devoto, ou se é mera *mimesis* – a ausência de informações seguras sobre a maioria dos poemas não permite ancorá-los seguramente no tempo e no espaço. Some-se a isso uma linguagem altamente codificada, própria da arte literária, centrada na atualização de uma bem conhecida tópica.

Apresentamos neste artigo 50 epigramas de dezessete poetas diferentes, todos, como dissemos, presentes na *Guirlanda* de Meleagro de Gádara. Destes, poucos possuem renome fora da AG como Calímaco de Cirene ou Teócrito de Siracusa; a maioria é conhecida apenas a partir da antologia. E, nesse sentido, deve-se afirmar que Leônidas de Tarento é um nome de destaque: autor de 103 poemas na AG, há 33 incluídos no Livro 6, dos quais traduzimos 13. Do renomado Calímaco, que responde por 70 poemas na AG (11 no Livro 6), 5 foram traduzidos aqui. Embora seja pequena sua obra conservada, a poetisa Nóssis da Lócria está bem representada: de seus 12 epigramas (metade no Livro 6), 5 estão traduzidos aqui. E de Teócrito, com 23 poemas na AG (6 no Livro 6), traduzimos 3. Todos os outros nomes respondem por apenas um ou dois poemas. Adiante, os poetas serão apresentados em ordem alfabética; a numeração dos poemas leva em conta esse critério.

Uma das divindades mais evocadas nesta seleção de epigramas é Ártemis, que comparece oito vezes (8, 10, 33, 47 e 49), especialmente como protetora do parto (15, 37 e 41), quando depõe as armas e auxilia as gestantes, atributo que divide com a deusa Ilítia, evocada quatro vezes nessa função (5, 14, 34 e 42). O pedido de proteção durante o parto é um tema recorrente nesses epigramas. Atena é outra deusa muito evocada: nos sete poemas em que ela comparece (16 e 50), é principalmente como protetora das tecelãs que a vemos (4, 21, 32 e 48), mas também como guerreira (1). A evocação de Pã (3, 13, 31 e 44) e de Dioniso (12, 24 e 31) confirmam certo pendor poético para a apreciação da vida rústica. Nos poemas vemos ainda Apolo (29, 30, 43 e 45), Afrodite em conflito com Atena (4, 32, 48 e 50), vemos Hermes (22 e 23), Hera (36), Hefesto (40), Ares (26), Deméter (31), as Musas (45 e 46), entre outros.

Os objetos frequentemente dedicados são aqueles usados em diferentes ofícios e confirmam a profissão dos suplicantes: eles são guerreiros e entregam lanças, escudo, arco e flechas (1, 26, 29, 30, 33 e 35), são caçadores e dedicam redes, cordas e varas (4, 13 e 22), fazendeiros doam as primícias do plantio ou a pele de um lobo ou leão capturado (12, 18, 19, 31, 47), um carpinteiro entrega sua régua e serrote (16), um pastor sua flauta e embornal (44), um ferreiro seu alicate, tenaz e martelo (40), além de tecelãs dedicando suas lançadeiras (4, 21, 32 e 48). Na ocasião do parto, ou após seu sucesso, as jovens mães costumam dedicar a Ártemis e Ilítia objetos como diademas, peplos, cintas, mantos, xales, véus ou túnicas (14, 15, 34, 41 e 42) ou mesmo uma prece (37).

Nessa direção mencionemos que, na galeria dos poetas selecionados, quatro nomes são de mulheres, com destaque para Nóssis (de quem traduzimos 5 poemas). De Anite de Tégea, autora de 24 poemas na AG (3 no Livro 6), apresentamos duas traduções. De Mero de Bizâncio, traduzimos os dois únicos poemas de que é autora. E de Erina, dona de 3 poemas, traduzimos o único que compõe o Livro 6.

As funções discursivas que encontramos no epigrama votivo (a rigor, um subgênero poético dentro do gênero epigramático), aquelas que permitem defini-lo em termos de uma tópica literária (Cairns, 1972, p.6), são a de suplicante, de um lado, e a de deus suplicado, de outro; entre eles, o objeto dedicado. Na função de doador, pode o próprio suplicante assumir a fala e suplicar ao deus ou ser representado por uma persona poética que intercede em seu favor. Esta estrutura tripartida, reiteradamente aludida – eu (suplicante), tu (deus suplicado) e ele (objeto dedicado) – pode, contudo, apresentar variações, e por vezes vemos o próprio objeto convertido a eu poético, podendo ser uma clava em diálogo com Hércules (9) ou um escudo em júbilo pela vitória (30 e 33) ou um candeeiro vaidoso de si (6); pode ser ainda, mais raro, o próprio deus a assumir a voz, dirigindo-se ao suplicante (26).

Outro traço comum dos epigramas votivos é a economia de pontuação, de pausas, o que produz um texto que convida a uma leitura fluente, qualidade que procuramos manter nas traduções. Nesse sentido, apontemos um caso emblemático, o poema 21: mais longo do que a maioria, ele não apresenta pausa (apenas vírgulas) ao longo de seus 8 versos, qualidade que mantivemos em nossa tradução.

Com relação à tradução, procurei equilibrar, na balança das trocas linguísticas, o máximo de elementos possível, entre eles o aspecto formal de poesia. O epigrama, como se sabe, é um gênero literário a mais na época helenística (323-30 a.C.), com vida independente de suas origens e funções epigráficas. Composto por dísticos elegíacos – um verso hexâmetro combinado

a um pentâmetro, alternando vogais longas e breves –, a extensão regular dos poemas gregos gira em torno de quatro versos: dos 50 selecionados, 32 têm essa extensão. Há 11 poemas com seis versos, 4 com dois, 2 com oito e 1 com dez versos. Estabelecendo o que eu chamaria de andamento decassilábico, traduzi o dístico elegíaco frequentemente por dois decassílabos combinados a um decassílabo “quebrado” (seis ou, mais raro, quatro sílabas), mantendo sempre os acentos previstos no verso heroico (acentos em 6 e 10) e no sáfico (em 4, 8 e 10), mesmo nos versos curtos (6 ou 4). Esta decisão evitou o constrangimento de um molde apertado e permitiu, por isso, um trabalho focado na tentativa de recriar o maior número de elementos poéticos percebidos nos originais. Os versos curtos, se contribuíram para a questão do número de sílabas métricas portuguesas (em nossas traduções normalmente 10+10+6 para cada dístico grego), contribuíram também para enfatizar certos aspectos textuais, como grupos de palavras, ou epítetos divinos, ou uma imagem icônica do conjunto. Quanto aos numerosos nomes próprios, vez em quando deslocamos seu acento para melhor adequá-lo ao esquema rítmico. Pormenores tradutórios exigiriam a escolha de um caso e sua discussão. Mencionemos apenas que apontamos nossas decisões tradutórias na direção do que definimos como a dominante textual (como pensada por Eco, 2005, p.54): julgamos que a dominante nesses poemas é uma linguagem enumerativa, fluida, ritmada, repleta de (fingida) simplicidade, que lança luz em personagens populares e nos objetos de seu mundo – normalmente gente simples, grata ou necessitada, com um presente na mão para dedicar aos deuses.

Adotamos o texto grego estabelecido por Paton (1993), salvo nas poucas vezes em que preferimos Gow e Page (1965a), informado no local. Consultamos as traduções portuguesa (Jesus, 2018), espanhola (Fernández-Galiano, 1978), italiana (Pontani, 1979) e inglesa (Paton, 1993). Se a tradução é, como defende Paes (1990, p.37), uma ponte até o original, não se deve ignorar as pontes já construídas: com a leitura das diferentes versões dos poemas, pudemos acolher mais vasto vocabulário, confirmar a pertinência de certas interpretações, acolher uma lição para alguma passagem mais difícil. Há comentários para cada um dos poemas, explicitando o deus, o suplicante e o objeto ofertado, bem como questões culturais implicadas na interpretação. Tais comentários baseiam-se nas notas das edições críticas já referidas ou são de nossa lavra. Consultamos o tempo todo os dicionários grego-português (Malhadas, Dezotti e Neves, 2022), grego-francês (Bailly, 1950) e grego-inglês (Liddell-Scott, 1940). Consultamos ainda, sempre que necessário, a gramática do Ragon (2012) e a do Murachco (2003).

**Tradução: 50 epigramas votivos helenísticos (*Antologia Grega*, Livro 6)**

**1. Anite (*Antologia Grega*, Livro 6, Epigrama 123)**

Ἔσταθι τεῖδε, κράνεια βροτοκτόνε, μηδ' ἔτι λυγρὸν  
χάλκεον ἀμφ' ὄνοχα στάζε φόνον δαΐων·  
ἄλλ' ἀνὰ μαρμάρεον δόμον ἡμένα αἰπὺν Ἀθάνας,  
ἄγγελ' ἀνορέαν Κρητὸς Ἐχεκρατίδα.

Fica aqui, lança sanguinária, e o sangue  
dos inimigos não derrames mais  
com teu bronze ferino;  
pendurada no esplendoroso templo  
de mármore de Atena – espalha a fama  
do cretense Equecrátides.

**Comentário**

Uma lança (κράνεια, v.1) dedicada por Equecrátides (Ἐχεκρατίδα, v.4) à deusa Atena (Ἀθάνας, v.3). Havia pelo menos dois templos de Atena em Tégea, pátria de Anite (Gow e Page, 1965b, p.92); o referido no texto é provavelmente o mais famoso deles, o templo de Atena Álea (Fernández-Galiano, 1978, p.50). O nome do doador parece inventado para o contexto (literalmente, “Poderoso”). A lança é depositada no templo da divindade como símbolo da valentia do doador.

**2. Anite (AG 6, 312)**

Ἦνία δὴ τοι παῖδες ἐνί, τράγε, φοινικόεντα  
θέντες καὶ λασίω φιμὰ περὶ στόματι,

ἵππια παιδεύουσι θεοῦ περὶ ναὸν ἄεθλα,  
ὄφρ' αὐτοὺς ἐφορῆ νήπια τερπομένους.

As crianças puseram  
em ti, ó bode, rédeas escarlates  
e focinheira na barbuda cara  
e contigo ao redor do templo brincam  
de corrida a cavalo – o deus os veja  
alegres e infantis.

#### Comentário

Crianças se divertem cavalgando um bode diante de um templo. O poema talvez descreva uma imagem (quadro ou relevo) relacionada ao deus Posídon (chamado Equestre e patrono das corridas de cavalos), especula Fernández-Galiano (1978, p.53). Gow e Page (1965b, p.98) mencionam ainda Atena ou Dioniso como possível divindade aludida e acrescentam que o poema pode ter sido concebido como uma inscrição para a imagem.

#### 3. Antípatro (AG 6, 14)

Πανὶ τὰδ' αὐθαιμοὶ τρισσοὶ θέσαν ἄρμενα τέχνας·  
Δᾶμις μὲν θηρῶν ἄρκυν ὄρειονόμων,  
Κλείτωρ δὲ πλωτῶν τάδε δίκτυα, τὰν δὲ πετηνῶν  
ἄρρηκτον Πίγρης τάνδε δεραιοπέδαν·  
τὸν μὲν γὰρ ξυλόχων, τὸν δ' ἥερος, ὃν δ' ἀπὸ λίμνας  
οὗ ποτε σὺν κενεοῖς οἶκος ἔδεκτο λίνοις.

Ao deus Pã três irmãos

doaram seus objetos de trabalho –  
Dâmis a rede com que caça feras;  
Clítor as malhas de pescar, e Pigres  
as cordas firmes com que pega pássaros.  
Seja das matas, seja do ar, dos lagos,  
jamais a sua casa os recebeu  
com as tramas vazias.

#### Comentário

Três irmãos caçadores, Dâmis, Clítor e Pigres (Δᾶμις, v.2, Κλείτωρ, v.3, Πίγρης, v.4), entregaram ao deus pastoril Pã (Πανί, v.1) seus instrumentos de trabalho (ἄρμενα, v.1), sendo eles rede, malhas e cordas (ἄρκυν, v.2, δίκτυα, v.3, δεραιοπέδαν, v.4). Há uma interessante personificação da casa nos versos finais, mantida na tradução: como se fosse uma anfitriã, a casa acolhe (οἶκος ἔδεκτο, v.6) os que chegam trazendo alimento.

#### 4. Antípatro (AG 6, 47)

Κερκίδα τὴν φιλαοιδὸν Ἀθηναίῃ θέτο Βιττῶ  
ἄνθημα, λιμηρῆς ἄρμενον ἐργασίης,  
εἶπε δὲ· “Χαίρε, θεά, καὶ τήνδ’ ἔχε· χήρη ἐγὼ γὰρ  
τέσσαρας εἰς ἐτέων ἐρχομένη δεκάδας,  
ἀρνεύμαι τὰ σὰ δῶρα· τὰ δ’ ἔμπαλι Κύπριδος ἔργων  
ἄπτομαι· ὤρης γὰρ κρεῖσσον ὀρῶ τὸ θέλειν.”

Sonora lançadeira

Bitô depositou aos pés de Atena  
de presente, instrumento de árduo ofício,

e disse: “Salve, deusa, e recebe isto –  
sou viúva chegada aos quarenta anos,  
recuso os teus favores. Desejo antes  
os trabalhos da Cípria – vejo agora  
que o tesão não se acaba.”

### Comentário

Bitô (Βιτώ, v.1) entregou para a deusa Atena (Ἀθηναίη, v.1 e v.5) um presente (ἄνθεμα, v.2), sua lançadeira (κερκίδα, v.1). O motivo da doação é a troca de profissão: a tecelã cansou-se do casto ofício e aos quarenta anos, viúva, sente que o desejo alcança todas as idades – ou mais literalmente: “vejo que o querer é maior do que a idade” (ὥρης γὰρ κρεῖσσον ὀρώ τὸ θέλειν, v.6). Por isso, ganhará a vida como cortesã, trabalhando para a deusa do amor, Afrodite, evocada como Cípria (Κύπριδος, v.5). O poema imita ou é imitado muito de perto pelo epigrama 48.

### 5. Calímaco (AG 6, 146)

Καὶ πάλιν, Εἰλείθια, Λυκαινίδος ἔλθέ καλεύσης,  
εὖλοχος, ὠδίνων ὦδε σὺν εὐκολίῃ·  
ἦς τόδε νῦν μὲν, ἄνασσα, κόρης ὑπερ· ἀντὶ δὲ παιδὸς  
ὑστερον εὐώδης ἄλλο τι νηὸς ἔχοι.

E uma vez mais, Ilítia, atende à súplica  
que Licênis te faz – garante um parto  
fácil, assim sem dor.

Eis o que agora ela te oferta, excelsa,  
se for menina; mas se for menino,  
depois teu templo olente terá mais.

## Comentário

Licênis (Λυκαινίδος, v.1) dedica à deusa Ilítia (Εἰλειθια, v.1) um presente inominado (τόδε, v.2), com promessa de outro mais, também inominado (ἄλλο τι, v.4), se for atendida em seu voto. Afasto-me da maioria dos tradutores – por exemplo Jesus (2018, p.76 e nota) e Fernández-Galiano (1978, p.171) – que interpreta o contexto da dedicatória como posterior ao parto: a doadora entregaria um presente para a deusa pelo nascimento de uma menina e pediria para no futuro parir um menino, com promessa de aumentar a doação. Parece que essa interpretação tenta justificar o advérbio inicial, “uma vez mais” (πάλιν, v.1), menção à menina recém nascida e ao menino desejado. Para mim, o contexto é a ocasião do parto: o presente é entregue em nome de um bebê que está prestes a nascer, que pode ser uma menina; se for menino, porém, o presente será melhorado. Nesse caso, “uma vez mais” revela apenas que Licênis não está parindo pela primeira vez. Nesse sentido, não é a doadora quem fala, como traduzem alguns (Jesus, 2018, p.76; Fernández-Galiano, 1978, p.171), pois ela estaria em trabalho de parto, mas uma persona poética simpática a ela, como traduz Paton (1993, p.375), exatamente como a persona poética no poema 36. Ainda sobre a expressão do início do poema (καὶ πάλιν, “e uma vez mais”), ela parece mimetizar os poemas eróticos da AG (Livro 5, 176, por exemplo), onde costuma representar a insaciedade do desejo; aqui ela enfatizaria a insaciedade da geração.

## 6. Calímaco (AG 6, 148)

Τῷ με Κανωπίτῃ Καλλίστιον εἴκοσι μύξαις

πλούσιον, ἃ Κριτίου, λύχνον ἔθηκε θεῷ,

εὐξαμένα περὶ παιδὸς Ἀπελλίδος· ἔς δ' ἔμᾳ φέγγη

ἀθρήσας φήσεις· “Ἐσπερε, πῶς ἔπεσες;”

Foi a filha de Crítias,

Calístion, quem me ofertou ao deus

de Canopo – eu, um candeeiro excelso

(vinte pavios) – logo após orar

por sua filha Apélis.

Olhando as minhas chamas, vais dizer:

“Tarde, és tu que voltaste?”

### Comentário

Uma lamparina (λύχνον, v.2) dedicada por Calístion (Καλλίστιον, v.1) ao deus de Canopo (Κανωπιτᾶ, v.1), provavelmente Serápis. O motivo da oferta: agradecer pela atenção divina para a filha. Havia na cidade de Canopo, cidade junto ao Nilo, perto de Alexandria, um templo consagrado a Serápis, a que acorriam devotos em busca da cura divina que o deus propiciava (Fernández-Galiano, 1978, p.168; Gow e Page, 1965b, p.173). Segundo essa interpretação, Calístion teria pedido ao deus a cura de alguma chaga da filha, no que foi atendida; agradecendo, ela oferta ao deus um suntuoso candeeiro de vinte chamas. Note que o candeeiro é quem assume a voz e se rejubila, na expressão final, por ter o lume comparável ao entardecer. Seguimos Gow e Page (1965a, p.61) para a pontuação interrogativa no verso final.

### 7. Calímaco (AG 6, 150)

Ἰναχίης ἔστηκεν ἐν Ἴσιδος ἢ Θάλεω παῖς

Αἰσχολίς, Εἰρήνης μητρὸς ὑποσχέσῃ.

Junto a Ísis Inácia,

eis Ésquiles de pé, filha de Tales,

qual prometera sua mãe Irene.

### Comentário

Irene (Εἰρήνης, v.2) mandou fixar (ἔστηκεν, v.1) uma estátua com a forma da filha no templo de Ísis (Ἴσιδος, v.1). A deusa foi identificada com Io, a filha de Ínaco (daí “Inácia”), talvez porque ambas fossem representadas como vacas,

como informam Gow e Page (1965b, p.176) e Fernández-Galiano (1978, p.169). Este último pensa que o motivo da oferta é a cura de alguma chaga, mas Gow e Page creem ser o matrimônio de Ésquiles, já que Ísis guardava relação com o casamento.

#### 8. Calímaco (AG 6, 347)

Ἄρτεμι, τὴν τόδ' ἄγαλμα Φιληρατὶς εἶσατο τῆδε ·

ἀλλὰ σὺ μὲν δέξαι, πότνια, τὴν δὲ σάω.

Esta estátua Filératis

mandou erguer aqui em teu nome, Ártemis.

Aceita-a, augusta, e dá-lhe proteção.

#### Comentário

Uma estátua (ἄγαλμα, v.1) oferecida a Ártemis (Ἄρτεμι, v.1) por Filératis (Φιληρατὶς, v.1). A estátua pode representar a deusa, como sugere a tradução de Fernández-Galiano (1978, p.170). A persona poética informa que, em troca, a doadora pede proteção.

#### 9. Calímaco (AG 6, 351)

A. τὴν με, λεοντάγχ' ὦνα σοοκτόνε, φήγινον ὄζον

β. θῆκε τίς; α. Ἀρχίνος. β. ποῖος; α. ὁ Κρής. β. 'δέχομαι.'

“Ó matador de javali, leão,

a ti me dedicou – eu, dura clava...”

“Quem?” “Arcino.” “Mas qual?” “De Creta.” “Aceito.”

## Comentário

Arcino (Ἀρχίνοσ, v.2) dedicou uma clava (ὄζον, v.1) a Hércules. O herói é evocado por dois de seus trabalhos: estrangular o leão de Nemeia (λεοντάγχ[α], v.1) e capturar e matar o javali de Erimanto (σοοκτόνε, v.1). No poema, a clava assume a voz e dialoga com Hércules.

### 10. Damageto (AG 6, 277)

Ἄρτεμι, τόξα λαχοῦσα καὶ ἀλκήεντας ὄϊστούς,  
σοὶ πλόκον οἰκείας τόνδε λέλοιπε κόμης  
Ἄρσινόη θυόεν παρ' ἀνάκτορον, ἡ Πτολεμαίου  
παρθένος, ἡμεροῦ κειραμένη πλοκάμου.

Ártemis, guardiã

de arco e dardos audazes,

um cacho das melenas em tua honra

Arsinoé depôs em teu fragrante

altar – a filha virgem

de Ptolomeu – depois

que cortou sua linda cabeleira.

## Comentário

Arsinoé (Ἀρσινόη, v.3) dedicou um cacho dos cabelos (πλόκον κόμης, v.2) à deusa Ártemis (Ἄρτεμι, v.1). Conforme Gow e Page (1965b, p.224) e Fernández-Galiano (1978, p.297), a suplicante é provavelmente a filha de Ptomoleu III Evergetes, que se casou com o irmão Ptolomeu IV Filópator pouco depois da batalha de Ráfia (217 a.C.), onde ambos estiveram em campanha contra Antíoco III da Síria. A dedicatória pode ter sido verdadeira e datável de pouco antes do casamento, já que no poema Arsinoé é ainda “virgem” (παρθένος, v.4).

**11. Erina (AG 6, 352)**

Ἐξ ἀταλᾶν χειρῶν τάδε γράμματα · λῶστε Προμαθεῦ,  
ἔντι καὶ ἄνθρωποι τὴν ὀμαλοὶ σοφίαν.  
ταῦταν γοῦν ἐτύμως τὰν παρθένον ὅστις ἔγραψεν,  
αἱ καὶ δὲ ποτέθηκ', ἦς κ' Ἀγαθαρχίς ὅλα.

São de mãos delicadas estes traços.

Há homens de talento igual ao teu,

ó caro Prometeu.

E quem pintou com tal justeza a moça,

se acrescentasse voz, ela seria

idêntica a Agatárquis.

**Comentário**

Um desenho ou pintura realista de Agatárquis (Ἀγαθαρχίς, v.4). Prometeu (Προμαθεῦ, v.1) é evocado pelo talento (σοφίαν, v.2) de criador da vida, habilidade que é comparada à do exímio retratista de Agatárquis (Gow e Page, 1965b, p.284).

**12. Leônidas (AG 6, 44)**

Γλευκοπόταις Σατύροισι καὶ ἀμπελοφύτορι Βάκχῳ

Ἡρώναξ πρώτης δράγματα φυταλιῆς,

τρισῶν οἰνοπέδων τρισσοὺς ἱερώσατο τούσδε,

ἐμπλήσας οἴνου πρωτοχῦτοιο, κάδους ·

ῶν ἡμεῖς σπεισαντες, ὅσον θέμις, οἴνοπι Βάκχῳ

καὶ Σατύροις, Σατύρων πλείονα πόμεθα.

Aos Sátiros sempre ébrios  
e a Baco plantador de parreirais  
da plantação Herônax consagrou  
as primícias - dos três vinhedos três  
(vinho primeira vez colhido!) jarros.  
Após libar o que é devido a Baco  
vinoso e aos Sátiros - bem mais que Sátiros  
havemos de beber.

#### Comentário

Herónax (Ἡρώναξ, v.2) dedicou ao deus Baco e aos Sátiros (Βάκχῳ, v.1, v.5, Σατύροισι, v.1, v.6) as primícias (δράγματα, v.2) da vindima, três jarros (τρισοῦς κάδους, v.3-4) repletos de um vinho virgem. O poema é rico lexicalmente em termos relacionados ao vinho, como “bebedor de mosto” (γλευκοπόταις, v.1, traduzido por “ébrios”), “plantador de parreira” (ἀμπελοφύτορι, v.1), “vinhedo” (οἰνοπέδων, v.3), “vinho” (οἴνου, v.4) e “vinoso” (οἴνοπι, v.5), além de outros termos alusivos à atividade agrícola, como “primícias” (δράγματα, v.2), “plantação” (φυταλιῆς, v.2, termo presente também em ἀμπελοφύτορι, v.1) e “primeira vez colhido” (πρωτοχότοιο, v.4).

#### 13. Leônidas (AG 6, 188)

ὁ Κρής Θηρίμαχος τὰ λαγωβόλα Πανὶ Λυκαίῳ  
ταῦτα πρὸς Ἄρκαδικοῖς ἐκρέμασε σκοπέλοις.  
ἀλλὰ σὺ Θηριμάχῳ δῶρων χάριν, ἀγρότα δαίμον,  
χεῖρα κατιθύνεις τοξότιν ἐν πολέμῳ,  
ἐν τε συναγκείαισι παρίστασο δεξιτερῆφι,

πρῶτα διδοὺς ἄγρης, πρῶτα καὶ ἀντιπάλων.

Terímaco, o cretense, a Pã Liceu  
nos rochedos da Arcádia dedicou  
as varas que ele usava ao caçar lebres.

E tu, deidade agreste,  
em paga dos presentes de Terímaco,  
guia-lhe a mão flecheira nas batalhas,  
permanece nos vales à direita,  
a conceder-lhe primazia em caças,  
primazia em combates.

#### Comentário

Terímaco (Θηρίμαχος, v.1, v.3) ofertou ao deus Pã (Πανί, v.1) as varas (λαγωβόλα, v.1) de caçar lebres. Como informam Gow e Page (1965b, p.313), Liceu era um monte famoso da Arcádia, reputado local de nascimento de Pã; o caçador, devoto do deus, parece ter abandonado a profissão para ir à guerra. A oferenda é provavelmente falsa, como defendem os estudiosos: o nome parece motivado pelo contexto (Terímaco significa “Combatente de feras”) e o devoto, cretense, está muito longe de casa. Seguimos ainda Gow e Page (1965a, p.108) para o verso 5.

#### 14. Leônidas (AG 6, 200)

Ἐκ τόκου, Εἰλείθια, πικρὰν ὠδίνα φυγοῦσα,  
Ἄμβροσίη κλεινῶν θήκατό σοι πρὸ ποδῶν  
δεσμὰ κόμας καὶ πέπλον, ἔφ’ ᾧ δεκάτω ἐνὶ μηνὶ  
δισσὸν ἀπὸ ζώνης κῦμ’ ἐλόχευσε τέκνων.

Por livrar-se da dor cruel do parto,  
aos teus honrados pés, Ilítia, Ambrósia  
depositou seu manto e seu diadema,  
depois que aos nove meses  
pariu do ventre um par de bebezinhos.

#### Comentário

Ambrósia (Ἀμβροσία, v.2) dedicou à deusa Ilítia (Εἰλειθία, v.1) o diadema (δεσμά, v.3) com queorna os cabelos e um manto (πέπλον, v.3). A dedicatória à protetora das parturientes é feita por causa do êxito obtido no parto, especialmente neste caso, em que nasceram bebês gêmeos (δισσὸν κῦμ[α], v.4). O poema alude ou é aludido pelo de número 41, sendo difícil determinar quem é o modelo.

#### 15. Leônidas (AG 6, 202)

91

Εὐθύσανον ζώνην τοι ὁμοῦ καὶ τόνδε κύπασσιν  
Ἄτις παρθενίων θῆκεν ὑπερθε θυρών,  
ἐκ τόκου, ὦ Λητωῖ, βαρυνομένης ὅτε νηδὺν  
ζῶν ἅπ' ὠδίνων λύσασα τῆσδε βρέφος.

Esta cinta com franjas e este manto  
no alto de teus portais imaculados  
ó filha de Leto, Átis pendurou  
depois das contrações do parto, quando  
das dores tu livraste o bebê vivo.

#### Comentário

Átis (Ἄτις, v.2) dedicou à deusa Ártemis, a filha de Leto (Λητώϊ, v.3), uma cinta e um manto (ζώνην, κύπασσιν, v.1). O motivo da dedicatória é sucesso no parto e o local da oferenda (verdadeira ou fictícia) é o templo da deusa. Com Ilítia, a deusa Ártemis divide os atributos de protetora das parturientes.

#### 16. Leônidas (AG 6, 204)

Θῆρις ὁ δαιδαλόχειρ τᾶ Παλλάδι πῆχυν ἀκαμπῆ,  
καὶ τετανὸν νώτῳ καμπτόμενον πρίονα,  
καὶ πέλεκυν ῥυκάναν τ' εὐαυγέα, καὶ περιαγῆς  
τρόπανον, ἐκ τέχνας ἄνθετο παυσάμενος.

O habilidoso Térís dedicou  
a Palas sua régua bem prumada,  
seu serrote flexível, longo, em arco,  
sua plaina brilhante e seu machado,  
seu trado giratório, logo após  
abandonar o ofício.

#### Comentário

O carpinteiro Térís (Θῆρις ὁ δαιδαλόχειρ, v.1) entrega à deusa Atena, evocada como Palas (Παλλάδι, v.1), seus objetos de trabalho: régua, serrote, machado, plaina e trado (πῆχυν, v.1, πρίονα, v.2, πέλεκυν, ῥυκάναν, v.3, τρόπανον, v.4). O motivo da oferta fica explícito no verso final: o abandono da profissão (παυσάμενος, v.4), provavelmente por aposentadoria.

#### 17. Leônidas (AG 6, 226)

Τοῦτ' <ὀλίγον> Κλείτωνος ἐπαύλιον, ἢ τ' ὀλιγῶλαξ

σπειρεσθαι, λιτός θ' ὁ σχεδὸν ἀμπελεῶν,  
τοῦτό τε † ῥωπειὸν ὀλιγόξυλον· ἄλλ' ἐπὶ τούτοις  
Κλείτων ὀγδώκοντ' ἔξεπέρησ' ἔτεα.

Repara na pobreza  
da fazenda de Clíton, na escassez  
de terra fecundável, na modéstia  
do parreiral que fica ali – repara  
na carência de lenha na floresta.

Mas foi com tais recursos,  
que Clíton viveu vida de oitenta anos.

#### Comentário

O poema não representa uma dedicatória, mas um elogio à vida simples que viveu o fazendeiro Clíton (Κλείτωνος, v.1), ele que, com poucos recursos, atingiu a casa dos oitenta anos (ὀγδώκοντ' ἔτεα, v.4).

#### 18. Leônidas (AG 6, 262)

Τὸν ποιμνὴν καὶ ἔπαυλα βοῶν καὶ βώτορας ἄνδρας  
σινόμενον, κλαγγὰν τ' οὐχὶ τρέσαντα κυνῶν,  
Εὐάλκης ὁ Κρής ἐπινύκτια μῆλα νομεύων  
πέφνε, καὶ ἐκ ταύτης ἐκρέμασεν πίτυος.

Quem arruinava o gado  
e os currais dos bovinos e os vaqueiros,  
sem temer o latido dos cachorros,

Evalces o cretense liquidou-o,  
quando de noite recolhia as reses  
- e a pele pendurou neste pinheiro.

#### Comentário

O vaqueiro Evalces (Εὐάλκης, v.3) dedicou um animal que matou (provavelmente um lobo) a um deus (provavelmente Pã). A dedicatória deve ser fictícia, pois o nome do doador parece motivado pelo contexto, já que Evalces significa “Fortão”.

#### 19. Leônidas (AG 6, 263)

Πυρῶ τούτο λέοντος ἀπεφλοιώσατο δέρμα  
Σῶσος ὁ βουπάμων, δουρὶ φονευσάμενος,  
ἄρτι καταβρόκοντα τὸν εὐθηλήμονα μόσχον,  
οὐδ' ἔκετ' ἐκ μάνδρας αὐθις ἐπὶ ξύλοχον·  
μοσχίῳ δ' ἀπέτισεν ὁ θῆρ ἀνθ' αἵματος αἶμα,  
βληθεὶς· ἀχθεινὰν δ' εἶδε βοοκτασίαν.

Soso, rico vaqueiro,  
esta fúlvida pele de leão  
arrancou-a, após matá-lo com lança,  
quando lhe devorava um bom bezerro.  
Do curral não voltou mais à floresta:  
abatido, o animal pagou com sangue  
o sangue do vitelo – viu o que custa  
cometer vaquicídio.

## Comentário

O vaqueiro Soso (Σώσος ὁ βουπάμων, v.2) dedicou a pele de um leão (λέοντος δέρμα, v.1) a um deus inominado. O fato de não haver mais leões na Grécia à época do poema reforça o caráter fictício da dedicatória, como destaca Fernández-Galiano (1978, p.95). O termo final “vaquicídio” traduz βοοκτασίαν (“matança de bois”, v.6) de modo bastante literal, na linha da tradução de Fernández-Galiano. Sigo a edição de Gow e Page (1965a, p.123) para o primeiro verso.

## 20. Leônidas (AG 6, 281)

Δινδύμα καὶ Φρυγίης πυρικαέος ἀμφιπολεῦσα  
    πρῶνας, τὴν μικρὴν, Μήτηρ, Ἀριστοδίκτην,  
κούρην Σειλήνης, παμπότνια, κεῖς ὑμέναιον  
    κεῖς γάμον ἀδρὺναις, πείρατα κουροσῶνας·  
ἀνθ' ὧν σοι κατὰ πολλὰ προνήια καὶ παρὰ βωμῶ  
    παρθενικὴν ἔτινας' ἔνθα καὶ ἔνθα κόμην.

95

Protetora dos Díndimos  
e das montanhas cáusticas da Frígia,  
cuida que cresça bem a pequenina  
Aristódice, a filha de Silene,  
    ó sacra Mãe de todos,  
até a chegada do himeneu, das núpcias,  
findando a meninice. A ti por isso  
em muito templo e altar ela agitou  
    as virginais melenas.

## Comentário

Prece feita à deusa Cibele, evocada como Mãe de todos (Μήτηρ παμπότνια, v.2-3), em nome de Aristódice (Ἀριστοδίκη, v.2), filha de Silene (Σελήνης, v.3). Segundo Fernández-Galiano (1978, p.94) e Gow e Page (1965b, p.354), Cibele era uma divindade cultuada na Frígia, onde havia dois montes com o nome Díndimo, região de solo vulcânico, o que sugere o adjetivo “cáustico” (πυρκαέος, v.1). Se foi a mãe ou a filha quem agitou as melenas nos altares (v.5-6), é questão dúbia, como ressaltam Gow e Page: pode-se pensar que a mãe, uma sacerdotisa de Cibele (deusa amiúde confundida com Rea), em muitos templos celebrou rituais como uma virgem (παρθενικήν, v.6) devotada; se se trata da filha, é ela quem agita as melenas ainda virginais em nome de um bom casamento.

### 21. Leônidas (AG 6, 289)

Αὐτόνομα, Μελίτεια, Βοῖσκιον, αἰ Φιλολόδεω  
καὶ Νικοῦς Κρήσσαι τρεῖς, ξένε, θυγατέρες,  
ἀ μὲν τὸν μιτόεργον ἀειδίνητον ἄτρακτον,  
ἀ δὲ τὸν ὀρφνίταν εἰροκόμον τάλαρον,  
ἀ δ' ἄμα τὰν λεπτῶν εὐάτριον ἐργάτιν ἰστῶν  
κερκίδα, τὰν λεχέων Πανελόπας φύλακα,  
δώρον Ἀθαναίᾳ Πανίτιδι τῷδ' ἐνὶ ναῶ  
θῆκαν, Ἀθαναίας παυσάμεναι καμάτων.

Autônoma, Melíteia e Boíscio,  
filhas de Filolades e Nicô,  
todas as três cretenses, ó estrangeiro,  
uma seu fuso enrolador de fios,  
outra seu cesto guardador de lã  
e a terceira sua ágil lançadeira

que tece boas tramas, guardiã  
do leito de Penélope,  
como presente elas depositaram  
aos pés de Atena Tecelã, no templo,  
quando deixaram de servir Atena.

### Comentários

Três irmãs tecelãs, Autônoma, Melíteia e Boíscio (Αὐτονόμα, Μελίτεια, Βοῖσκιον, v.1), entregaram os instrumentos de trabalho, sendo eles o fuso, o cesto e a lançadeira (ἄτρακτον, v.3, τάλαρον, v.4, κερκίδα, v.6) para a deusa protetora da profissão, Atena Tecelã (Ἀθαναῖα Παντιδί, v.7). O motivo da dedicatória é o abandono da profissão (παυσάμεναι, v.8, verbo que já apareceu no poema 16). Destaque-se a menção a Penélope, cuja lançadeira (isto é, a atividade da tecelagem e o estratagema da mortalha) é aqui considerada como a guardiã de sua fidelidade conjugal (τῶν λεχέων φύλακα, v.6). Note-se ainda que não há pausa no poema: na tradução assim como no original, a leitura se desenrola de uma só vez – qualidade que é, ademais, um traço destes poemas votivos. Seguimos Gow e Page (1965a, p.121) para o quinto verso.

### 22. Leônidas (AG 6, 296)

Ἄστεμφῆ ποδάγρην, καὶ δούνακας ἀνδικτήρας,  
καὶ λῖνα, καὶ γυρὸν τοῦτο λαγωβόλον,  
ἰοδόκην, καὶ τοῦτον ἐπ' ὄρτυγι τετρανθέντα  
αὐλὸν, καὶ πλωτῶν εὐπλεκῆς ἀμφιβολον,  
Ἑρμείη Σώσιππος, ἐπεὶ παρενήξατο τὸ πλεῦν  
ἦβης, ἐκ γήρωσ δ' ἀδρανίη δέδεται.

Uma armadilha inextrincável, redes,  
varas com visgo, este bastão recurvo

de caçar lebres, um carcás, apito  
pro chamamento de codornas, malhas  
de tramas firmes para pescaria –  
Sósipo dedicou para o deus Hermes  
agora que cruzou a juventude  
e a velhice o limita.

### Comentário

O caçador Sósipo (Σώσιππος, v.5) dedicou ao deus Hermes (Ἑρμείη, v.5) seus instrumentos de trabalho, sendo eles uma armadilha, varas, redes, bastão, carcás, apito e malhas (ποδάγρην, δούνακας, v.1, λίνα, λαγωοβόλον, v.2, ἰοδόκην, v.3, αὐλόν, ἀμφίβολον, v.4). Trata-se de uma dedicatória por ocasião de aposentadoria, evidente na menção final à velhice (γῆρως, v.6).

### 23. Leônidas (AG 6, 309)

Εὐφυλλόν τοι σφαίραν, ἐγκρόταλόν τε Φιλοκλῆς  
Ἑρμείη ταύτην ποξινέην πλατάγην,  
ἀστραγάλας θ' αἷς πόλλ' ἐπεμήνατο, καὶ τὸν ἔλικτὸν  
ῥόμβον, κουροσύνης παίγνι' ἀνεκρέμασεν.

Uma bola bem-feita, este chocalho  
estridente de buxo – confiou  
Fílocles ao deus Hermes –  
e os dadinhos com os quais enlouquecia,  
e o piãozinho frenético – brinquedos  
do tempo de menino.

## Comentário

Ao deus Hermes (Ἑρμείη, v.2) Fílocles (Φιλοκλήης, v.1) dedicou seus brinquedos (παίγνι[α], v.4) de infância, sendo eles uma bola, um chocalho, uns dados feitos de ossinhos e um pião (σφαίραν, v.1, πλατάγην, v.2, ἀστραγάλας, v.3, ῥόμβον, v.4). Protetor da infância, o motivo da oferenda a Hermes é o abandono da fase de garoto e a conseqüente entrada de Fílocles na juventude. Sigo Gow e Page (1965a, p.122) para o primeiro verso.

### 24. Leônidas (AG 6, 355)

Ἄ μᾶτηρ ζῶον τὸν Μίκυθον, οἶα πενιχρὰ  
    Βάκχῳ δωρεῖται, ῥωπικὰ γραψαμένα.  
Βάκχε, σὺ δ' ὑψώης τὸν Μίκυθον εἰ δὲ τὸ δῶρον  
    ῥωπικόν, ἅ λιτὰ ταῦτα φέρει πενία.

A mãe de Mícito, que é pobre, a Baco  
oferece um retrato do seu filho,  
    rudemente pintado.  
Que faças Mícito crescer, ó Baco!  
Se acaso é rude a oferta, com pobreza  
    se explica tal miséria.

## Comentário

A mãe (μᾶτηρ, v.1) oferece ao deus Baco (Βάκχῳ, v.2, v.3) um retrato (ζῶον, v.1) do filho. A mãe talvez seja sacerdotisa de Dioniso, como pensa Fernández-Galiano (1978, p.91), ou uma Bacante, como acrescentam Gow e Page (1965b, p.348). Em troca do retrato ela pede que o deus assegure o crescimento de seu filho Mícito (v.1), nome que pode ser traduzido por “Pequenino” (Jesus, 2018, p.149, n.433). A beleza do poema reside no fato de ser tosca a oferenda, pois a miséria impede a suplicante de oferecer um objeto melhor.

25. Meleagro (AG 6, 162)

Ἄνθεμά σοι Μελέαγρος ἔδ' ὀν συμπαίστορα λύχνον,  
Κύπρι φίλη, μύσστην σῶν θέτο παννουχίδων.

Meleagro te oferta, cara Cípria,  
seu candeeiro, amigo de brincar,  
sabedor de vigílias.

Comentário

Meleagro (Μελέαγρος, v.1) oferece a Afrodite, evocada pelo epíteto Cípria (Κύπρι, v.2), um candeeiro (λύχνον, v.1). O objeto (amiúde encontrado no Livro 5, por exemplo, nos poemas 7 e 8, este último de Meleagro) e o contexto são eróticos, como são eróticas as alusões à deusa, aos termos “amigo de brincar” (συμπαίστορα, v.1) e “vigílias” (παννουχίδων, v.2). Uma dedicatória erótica, em suma.

26. Meleagro (AG 6, 163)

Τίς τάδε μοι θνητῶν τὰ περὶ θριγκοῖσιν ἀνήψε  
σκύλα, παναιοχίστην τέρψιν Ἐνυαλίου;  
οὔτε γὰρ αἰγανέαι περιαγέες, οὔτε τι πῆληξ  
ἄλλοφος, οὔτε φόνω χρανθὲν ἄρηρε σάκος·  
ἄλλ' αὐτῶς γανόωντα καὶ ἀστυφέλικτα σιδάρω  
οἷά περ οὐκ ἔνοπᾶς, ἀλλὰ χορῶν ἔναρα·  
οἷς θάλαμον κοσμεῖτε γαμήλιον· ὄπλα δὲ λύθρω  
λειβόμενα βροτέω σηκὸς Ἄρηος ἔχοι.

Que mortal pendurou estes despojos  
nos frontões em meu nome, vergonhoso  
deleite de Eniálio?  
Não me dedicou lanças destruídas,  
nem elmo sem penacho, nem escudo  
maculado de sangue  
- metais polidos e por ferro intactos  
qual um butim não de batalha e sim  
de algum coro teatral.  
Ornai com isso um quarto nupcial!  
Armas sujas de sangue humano apenas  
haja no templo de Ares.

#### Comentário

Despojos de guerra (σκῦλα, v.2) são suspensos no templo em nome de Ares (Ἄρης, v.8), evocado também como Eniálio (Ἐνυαλίου, v.2). O deus sanguinário, contudo, recusa os presentes, pois seu perfeito estado confirma que eles jamais estiveram na guerra. A persona poética é o próprio deus: ele rejeita a oferta, preferindo no lugar armas de verdade – quebradas, sujas, sem brilho, signo de esforço na guerra, e não mero adorno.

#### 27. Mero (AG 6, 119)

Κεῖσαι δὴ χρυσεάν ὑπὸ παστάδα τὰν Ἀφροδίτας,  
βότρυ, Διωνύσου πληθόμενος σταγόνι ·  
οὐδ' ἔτι τοι μάτηρ ἔρατὸν περὶ κλῆμα βαλοῦσα  
φύσει ὑπὲρ κρατὸς νεκτάρεον πέταλον.

Fica suspenso no dourado pórtico  
do templo de Afrodite, cacho de uva,  
com o orvalho de Dioniso –  
com ramos adoráveis tua mãe  
não vai mais te alcançar, nem vai brotar  
folhas de néctar sobre tua frente.

### Comentário

Um devoto dedica um cacho de uva (βότρυ, v.2) para Afrodite (Ἀφροδίτας, v.1). A videira é atributo de Dioniso: mencionada como mãe do cacho (μάτηρ, v.3), ela não mais porá as mãos (isto é, seus ramos) em torno do filho, nem adornará com folhas a sua cabeça (κρατός, v.4), já que o cacho foi cortado do pé. O poema evidencia a relação do vinho com o amor (na evocação de Dioniso e Afrodite) e constrói a imagem de uma natureza morta.

### 28. Mero (AG 6, 189)

Νύμφαι Ἀμαδρυάδες, ποταμοῦ κόραι, αἶ τάδε βένθη  
ἀμβρόσιαι ῥοδέοις στείβετε ποσσὶν ἄει,  
χαίρετε καὶ σῶζοιτε Κλεώνυμον, ὃς τάδε καλὰ  
εἶσαθ' ὑπαὶ πιτύων ὕμμι, θεαί, ξόανα.

Ó Ninfas Hamadriades,  
jovens virgens do rio, que nesta mata  
profunda, com pés róseos, ambrosíacas  
caminhais com frequência – eu vos saúdo  
e conservai Cleônimo, que a vós

dedicou sob pinheiros estas belas  
estátuas de madeira.

#### Comentário

Estátuas esculpidas em madeira (ξόανα, v.4) entregues a Ninfas (Νύμφαι, v.1) em nome de Cleônimo (Κλεώνυμον, v.3). As ninfas são chamadas Hamadriades (Ἠμαδρυάδες, v.1) na versão de Gow e Page (1965a, p.145), que preferimos a de Paton para este verso, o que enfatiza sua relação com as árvores (δρῦς significa “carvalho”). Mas no poema devem ser pensadas como ninfas da água, com as quais mantêm estreita proximidade (Gow e Page, 1965b, p.415).

#### 29. Mnasalces (AG 6, 9)

Σοὶ μὲν καμπύλα τόξα, καὶ ἰοχέαιρα φαρέτρη,  
δῶρα παρὰ Προμάχου, Φοῖβε, τὰδε κρέματα ·  
ἰοὺς δὲ πετερόεντας ἀνὰ κλόνον ἄνδρες ἔχουσιν  
ἐν κραδίαις, ὄλοα ξείνια δυσμενέων.

103

O arco recurvo e o flecheiro carcás  
estão depositados para ti, Febo,  
oferendas de Prômaco  
– mas as flechas aladas  
os guerreiros as guardam em seus peitos,  
funesta cortesia de inimigos.

#### Comentário

O arqueiro Prômaco (Προμάχου, v.2) dedica a Febo Apolo (Φοῖβε, v.2) um arco e um carcás (τόξα, φαρέτρη, v.1) como oferenda (δῶρα, v.2). As flechas (ἰοὺς, v.3), contudo, ele não pode doá-las: assegurando sua bravura, elas estão

cravadas em seus inimigos. O nome do doador parece escolhido para o contexto (Prômaco significa “O que luta à frente”), o que sugere o caráter fictício dos versos.

30. Mnasalces (AG 6, 264)

Ἄσπις Ἀλεξάνδρου τοῦ Φυλλέος ἱερὸν ἄδε  
δῶρον Ἀπόλλωνι χρυσοκόμῳ δέδομαι,  
γηραλέα μὲν ἵπτον πολέμων ὕπο, γηραλέα δὲ  
ὀμφαλόν· ἄλλ’ ἀρετᾶ λάμπομαι, ἂν ἔκιχον  
ἀνδρὶ κορυσσαμένα σὺν ἀριστέϊ, ὅς μ’ ἀνέθηκε.  
ἐμμί δ’ ἀήσσατος πάμπαν ἀφ’ οὗ γεγόμεν.

Eu sou o escudo de Alexandre, o filho  
de Fileu, oferenda augusta entregue  
ao louro Apolo.

Mesmo com os flancos gastos pela guerra,  
o umbigo gasto, eu brilho com a honra  
conquistada em batalhas, preso ao braço  
do varão nobre que me dedicou.  
Dês que nasci só conheci vitória.

Comentário

Um escudo (ἄσπις, v.1) entregue por Alexandre (Ἀλεξάνδρου, v.1) ao deus Apolo (Ἀπόλλωνι, v.2). A graça do poema reside no fato de que é o escudo quem assume a voz, orgulhoso por se manter invicto nos combates, junto ao valoroso guerreiro. Não se trata de Alexandre Magno, como destacam Gow e Page (1965b, p.403), mas de um Alexandre qualquer, no caso, do filho de Fileu (Φυλλέος, v.1). Na tradução, reforcei a evidente personificação do escudo onde

foi possível: “flancos” (em vez de “borda”, ἵπυν, v.3), “umbigo” (em vez de “centro”, ὀμφαλόν, v.4) e “nascer” (em vez de “forjar”, “ser forjado”, γενόμεν, v.6).

31. Nicarco (AG 6, 31)

Αἰγιβάτη τόδε Πανί, καὶ εὐκάρπῳ Διονύσῳ,  
καὶ Δηοῖ Χθονίῃ ξυνὸν ἔθηκα γέρας.  
αἰτέομαι δ' αὐτοὺς καλὰ πώεα καὶ καλὸν οἶνον,  
καὶ καλὸν ἀμῆσαι καρπὸν ἀπ' ἀσταχύων.

A Pã pastor de cabras

e ao fecundo Dioniso

e à Deó Subterrânea

este comum presente dediquei.

Peço-lhes bons rebanhos e um bom vinho

e frutos bons de debulhar da espiga.

Comentário

Um lavrador dedica uma só oferenda inominada (γέρας, v.2) para três deuses, Pã, Dioniso (Πανί, Διονύσῳ, v.1) e Deméter, evocada como Subterrânea Deó (Δηοῖ Χθονίῃ, v.2). Ele pede a cada uma das divindades abundância em suas competências.

32. Nicarco (AG 6, 285)

Ἢ πρὶν Ἀθηναίης ὑπὸ κερκίσι καὶ τὰ καθ' ἰστῶν

νήματα Νικαρέτη πολλὰ μιτωσαμένη,

Κύπριδι τὸν κάλαθον τὰ τε πηνία καὶ τὰ σὺν αὐτοῖς  
ἄρμεν' ἐπὶ προδόμου πάντα πυρῆς ἔθετο,  
'Ἐρρετε,' φωνήσασα, 'κακῶν λιμηρὰ γυναικῶν  
ἔργα, νέον τήκειν ἄνθος ἐπιστάμενα.'  
εἶλετο δὲ στεφάνους καὶ πηκτίδα καὶ μετὰ κώμων  
ἡ παῖς τερπνὸν ἔχειν ἐν θαλίαις βίοτον·  
εἶπε δέ· 'Παντός σοι δεκάτην ἀπὸ λήμματος οἴσω,  
Κύπρι· σὺ δ' ἔργασίην καὶ λάβε καὶ μετάδος.'

Quem outrora fiava

sob a guarda de Atena - Nicarete -  
muita trama em tear, em lançadeira,  
em frente à própria casa  
para a Cípria queimou numa fogueira  
o cesto, os carretéis e tudo mais,  
não sem dizer: "À merda  
os trabalhos de fome de mulheres  
miseras, que desgraçam nosso viço."

A garota as guirlandas  
preferiu, e os banquetes, e os festins,  
e as liras - uma vida só de encantos -  
e disse: "Hei-de trazer-te  
um décimo do lucro, ó deusa Cípria.  
Leva embora este ofício e retribui."

Comentário

Nicarete (Νικαρέτη, v.2) dedicou à deusa Afrodite, evocada como Cípria (Κύπριδι, v.3, v.10), os instrumentos da antiga profissão de tecelã: cesto, carretéis e outros apetrechos (κάλαθον, πηνία, v.3, ἄρμεν[α], v.4). A garota cansou-se do trabalho de fiação, cuja deusa protetora é Atena (Ἀθηναίης, v.1), que ela agora despreza; decidiu tornar-se prostituta, vislumbrando uma vida de abundância obtida com sua juventude ainda em viço.

### 33. Nícias (AG 6, 127)

Μέλλον ἄρα στυγεράν κάγώ ποτε δῆριν Ἄρης  
έκπρολιπούσα χορῶν παρθενίων ἄτειν  
Ἄρτεμιδος περὶ ναόν, Ἐπίξενος ἔνθα μ' ἔθηκεν,  
λευκὸν ἐπεὶ κείνου γῆρας ἔτειρε μέλη.

Um dia também eu pude escutar,  
salvo da mísera refrega de Ares,  
o coro de meninas ao redor  
do templo de Ártemis,  
lá onde Epíxeno depôs-me quando  
alva velhice lhe rendeu os membros.

#### Comentário

Dedicatória de um objeto (provavelmente uma ἄσπις, “escudo”) feita por Epíxeno (Ἐπίξενος, v.3) em honra ao deus da guerra Ares (Ἄρης, v.1). O objeto assume a voz no poema: rejubila-se por ter saído ileso da guerra para poder ouvir a celebração da vitória, na imagem dos coros de virgens (χορῶν παρθενίων, v.2). Os comentadores não mencionam, mas ecoa na primeira linha do poema o verso de Eurípides (*Heráclidas*, v.722-723): Ἄρης στυγεί μέλλοντας, “Ares odeia os que hesitam”, conforme a tradução do dicionário grego-português (verbete μέλλω).

34. Nícias (AG 6, 270)

Ἀμφαρέτας κρήδεμνα καὶ ὕδατόεσσα καλύπτρα,  
Εἰλείθουα, τεᾶς κεῖται ὑπὲρ κεφαλᾶς,  
ὄς σε μετ' ἔυχωλᾶς ἐκαλέσσατο λευγαλέας οἱ  
κῆρας ἅπ' ὠδίνων τῆλε βαλεῖν λοχίων.

O xale e o véu ligeiro de Anfareta  
embelezam a tua fronte, Πίτια –  
ela rezou por ti pra que afastasses  
pra longe dela as deusas deploráveis  
durante a dor do parto.

Comentário

Anfareta (Ἀμφαρέτας, v.1) dedicou o xale e o véu (κρήδεμνα, καλύπτρα, v.1) à deusa Πίτια (Εἰλείθουα, v.2). A deusa é evocada porque, junto com Ἄρτεμις, divide o atributo de protetora dos partos: foi ela quem livrou a parturiente da morte, na imagem de deploráveis deusas (κῆρας, v.4).

35. Nóssis (AG 6, 132)

Ἔντεα Βρέττιοι ἄνδρες ἅπ' αἰνομόρων βάλον ὤμων,  
θεινόμενοι Λοκρῶν χερσὶν ὕπ' ὠκυμάχων,  
ὦν ἀρετὰν ὑμνεῦντα θεῶν ὑπ' ἀνάκτορα κείνται,  
οὐδὲ ποθεῦντι κακῶν πάχεας, οὐς ἔλιπον.

Seus escudos os brúttios

arrancaram dos ombros miseráveis,  
feridos pelas mãos dos ágeis lócrios  
- louvando tal audácia,  
na morada dos deuses têm descanso,  
longe dos ombros débeis que os deixaram.

#### Comentário

Os lócrios (Λοκρῶν, v.2) dedicaram aos deuses (θεῶν, v.3) os escudos (ἔντεα, v.1) subtraídos dos inimigos. Os brúttios (Βρέττιοι, v.1) eram o povo nativo, vizinho dos colonos lócrios, pátria da poeta, com os quais entraram em conflitos muitas vezes na época destes versos, conforme Gow e Page (1965b, p.436), que destacam ainda um detalhe no verso final: ao atribuir aos inimigos covardia ou debilidade (κακῶν, v.4), a persona poética acaba rebaixando a façanha de seu povo.

#### 36. Nóssis (AG 6, 265)

109

Ἦρα τιμήεσσα, Λακίνιον ἄ τὸ θυῶδες  
πολλάκις οὐρανόθεν νεισομένα καθορήης,  
δέξαι βύσσινον εἶμα, τό τοι μετὰ παιδὸς ἀγαυᾶς  
Νοοσίδος ὕφανεν Θεοφιλίς ἅ Κλεόχας.

Ó Hera venerável, tu que avistas  
os fumos dos incensos do Lacínio  
assim que vens do céu,  
recebe o leve manto  
que Têufilis, a filha de Cleoca,  
teceu com sua ilustre filha Nóssis.

## Comentário

Têufilis (Θεοφιλις, v.4) e Nóssis (Νοσσίδος, v.4) oferecem uma veste (εἶμα, v.3) à deusa Hera (Ἥρα, v.1). De fato, como informam Gow e Page (1965b, p.437) e Fernández-Galiano (1978, p.67), a deusa possuía um templo importante no cabo Lacínio, atual Capo Colonna, na Itália. Notemos que três gerações de mulheres são evocadas – avó, mãe e filha –, fato inusitado na cultura grega em geral, mas comum, segundo os comentadores, entre os lócrios, povo a que Nóssis pertencia, resquício de antigos costumes matriarcais.

### 37. Nóssis (AG 6, 273)

Ἄρτεμι, Δάλων ἔχουσα καὶ Ὀρτυγίαν ἐρόεσσαν,  
τόξα μὲν εἰς κόλπους ἄγν' ἀπόθου Χαρίτων,  
λοῦσαι δ' Ἴνωπῷ καθαρὸν χροῶ, βάθι δ' ἴξες οἴκους  
λόσουσ' ὠδίνων Ἀλκέτιν ἐκ χαλεπῶν.

Ó Ártemis, senhora  
de Delos e da encantadora Ortígia,  
abandona teu arco consagrado  
no regaço das Graças,  
lava no Inopo a pele  
imaculada e corre cá pra casa –  
livra Alcétis das dores deste parto.

## Comentário

A persona poética reza a Ártemis (Ἄρτεμι, v.1) para que venha ter com ela e livre Alcétis (Ἀλκέτιν, v.4) de um parto difícil. O poema representa uma prece endereçada à deusa, como no poema anterior. Ortígia (Gow e Page, 1965b, p.443) é o lugar de nascimento de Ártemis, Delos o de seu irmão Apolo, ambos flecheiros; em Delos ficava o rio Inopo. O terceiro verso apresenta lacuna:

seguimos Gow e Page (1965a, p.154) para o texto, que interpretamos na linha da tradução portuguesa (Jesus, 2018, p.123: “vem [a nossa casa]”): a persona poética está diante da amiga durante o parto em sua casa, ocasião em que invoca a deusa pedindo ajuda.

38. Nóssis (AG 6, 353)

Αὐτομέλινα τέτυκται ἴδ' ὡς ἀγανὸν τὸ πρόσωπον

ἀμὲ ποιοπτάζειν μελιχίως δοκέει·

ὡς ἐτύμως θυγάτηρ τῆ ματέρι πάντα ποτώκει.

ἦ καλὸν ὄκκα πέλη τέκνα γονεῦσιν ἴσα.

É Melina em pessoa!

Vê como sua face delicada

parece contemplar-nos com doçura.

Como a filha parece com a mãe.

É realmente lindo quando os filhos

têm a cara dos pais.

Comentário

Um retrato de Melina (Αὐτομέλινα, v.1). O poema não apresenta doador nem deus, mas apenas o objeto. Mais um retrato apreciado por seu realismo (como em 11): Melina parece contemplar os observadores. Gow e Page (1965b, p.440) lembram que os gregos consideram bom os filhos parecerem com os pais; no poema, no entanto, o foco está na semelhança entre mãe e filha, evidenciando ao que parece o costume lócrio, povo de Nóssis, de evocar genealogicamente as mulheres da família (como no poema 36).

39. Nóssis (AG 6, 354)

Γνωτὰ καὶ τηνῶθε Σαβαιθίδος εἶδεται ἔμμεν

ἄδ' εἰκῶν μορφᾶ καὶ μεγαλειοσύνα.

θάεο· τὰν πινυτὰν τό τε μείλιχον αὐτόθι τήνας

ἔλπομ' ὀρήν· χαίροις πολλά, μάκαιρα γύναι.

Notório até de longe que este quadro

representa, na forma e na altivez,

Sabétis em pessoa.

Olha! Julgo admirar sua prudência,

sua doçura. Salve, venturada!

#### Comentário

Um quadro (εἰκῶν, v.2) de Sabétis. Não há doador nem deus implicado, mas apenas a menção ao objeto. O retrato, mais uma vez (como em 11 e 38), chama a atenção por seu realismo e representa Sabétis (Σαβαιθίδος, v.1) inclusive com qualidades dificilmente representáveis em uma pintura (segundo Gow e Page, 1965b, p.441), como altivez, prudência e doçura (μεγαλειοσύνα, v.2, πινυτὰν, μείλιχον, v.3). Segui Gow e Page (1965a, p.153) para a pontuação do terceiro verso.

#### 40. Pânkrates (AG 6, 117)

Ἐκ πυρὸς ὁ ῥαιστήρ, καὶ ὁ καρκίνος, ἢ τε πυράγρη

ἄγκεινθ' Ἡφαιστῷ, δῶρα Πολυκράτεος,

ὧ̄ ποκνὸν κροτέων ὑπὲρ ἄκμονος εὔρετο παιοῖν

ὄλβον, ὀϊζυρὴν ὠσάμενος πενίην.

Um martelo de forja e um alicate

e uma tenaz ao pé de Hefesto jazem,

presentes de Polícrates

- martelando em bigorna a vida inteira,  
aos filhos garantiu sustento, longe  
do peso da miséria.

#### Comentário

O ferreiro Polícrates (Πολυκράτεος, v.2) dedica ao deus Hefesto (Ἡφαίστω, v.2) seus instrumentos de trabalho, sendo eles martelo, tenaz e alicate (ῥαιστήρ, καρκίνος, πυράγρη, v.1). O deus, que trabalha na forja, é o padroeiro dos metalúrgicos. O motivo da oferenda parece ser aposentadoria, sugerida nos versos finais.

#### 41. Perses (AG 6, 272)

Ζῶμά τοι, ὦ Λατωῖ, καὶ ἀνθεμόεντα κύπασσιν,  
καὶ μίτραν μαστοῖς σφιγκτὰ περιπλομέναν,  
θήκατο Τιμάεσσα, δυσωδινοιο γενέθλας  
ἀργαλέον δεκάτῳ μηνὶ φυγοῦσα βάρους.

113

O cinto e a túnica florida e a faixa  
que lhe envolvia os seios com aperto,  
em teu nome Timessa consagrou,  
deusa filha de Leto,  
depois que aos nove meses se livrou  
do opressor fardo de um difícil parto.

#### Comentário

Timessa (Τιμάεσσα, v.3) dedicou a Ártemis, a filha de Leto (Λατώϊ, v.1), seu cinto (ζῶμα, v.1), sua túnica (κόπασσιν, v.1) bordada com flores e sua faixa (μίτραν, v.2) para os seios. A parturiente teve êxito em seu parto, mas a persona poética enfatiza que não foi sem sofrimento. O poema parece aludir ao de número 14, sem se saber quem é o emulado (Gow e Page, 1965b, p.448).

#### 42. Perses (AG 6, 274)

Πότνια κουροσόος, ταύταν ἐπιπορπίδα νυμφᾶν,  
καὶ στεφάναν λιπαρῶν ἐκ κεφαλᾶς πλοκάμων,  
ὀλβία Εἰλειθία, πολυμνάστοιο φύλασσε  
Τισίδος ὠδίνων ῥύσια δεξαμένα.

Ó salvadora de bebês, Πίτια  
venturada, este manto de noivado  
e o diadema dos cachos olorosos  
guarda como presentes – pelo alívio  
que concedeste à tua leal Τίσις  
na hora da dor do parto.

#### Comentário

Τίσις (Τισίδος, v.4) oferece à deusa Πίτια (Εἰλειθία, v.3) um manto e um diadema (ἐπιπορπίδα, v.1, στεφάναν, v.2). O motivo da oferta é o êxito no parto, quando a deusa garantiu à suplicante o alívio das dores.

#### 43. Riano (AG 6, 278)

Παῖς Ἀσκληπιάδεω καλῶ καλὸν εἶσατο Φοίβῳ  
Γόργος ἄφ' ἡμερτᾶς τοῦτο γέρας κεφαλᾶς.

Φοίβε, σὺ δ' Ἴλαος, Δελφίνιε, κοῦρον ἀέξοις  
εὖμοιρον λευκὴν ἄχρῖς ἐφ' ἠλικίην.

O filho de Asclepiades,  
Gorgo, entregou ao belo Febo um belo  
cacho de seus cabelos deslumbrantes.

Tu, ó Febo Delfínio,  
sê propício – garante pro garoto  
sorte na vida até que as cãs lhe atinjam.

#### Comentário

Gorgo (Γόργος, v.2) entregou como oferta (γέρας, v.2) um cacho dos cabelos (κεφαλᾶς, v.2) a Febo Apolo (Φοίβω, v.1, v.3), evocado também como Delfínio (Δελφίνιε, v.3).

#### 44. Teócrito (AG 6, 177)

Δάφνις ὁ λευκόχρως, ὁ καλᾶ σύριγγι μελίσδων  
βουκολικούς ὕμνους, ἄνθετο Πανὶ τάδε ·  
τοὺς τρητοὺς δόνακας, τὸ λαγωβόλον, ὄξυν ἄκοντα,  
νεβρίδα, τὰν πήραν, ᾗ ποτ' ἔμαλοφόρει.

Eis o que o alvo Dáfnis,  
tocador de siringe e cantos rústicos,  
ofereceu a Pã – canas com furos,  
uma vara, uma lança pontiaguda,  
uma pele de corça, um embornal

repleto de maçãs.

### Comentário

Dáfnis (Δάφνις, v.1) dedicou a Pã (Πανί, v.2) canas, vara, lança, pele de corça e embornal (δόνακας, λαγωβόλον, ἄκοντα, v.3, νεβρίδα, πήραν, v.4). A autoria do poema é duvidosa; mas ainda que não seja de Teócrito, os versos parecem aludir ao seu idílio sobre a morte de Dáfnis e a oferta da siringe a Pã (Fernández-Galiano, 1978, p.199-200; Gow e Page, 1965b, p.529). O poema talvez descreva um quadro ou relevo. As canas com furos são certamente um instrumento musical – uma siringe (Jesus, 2018, p.53, n.76) ou uma flauta dupla (Fernández-Galiano, 1978, p.199-200), como sugerem os comentadores.

#### 45. Teócrito (AG 6, 336)

Τὰ ρόδα τὰ δροσόεντα, καὶ ἅ κατὰπυκνος ἐκείνα

ἔρπυλλος κέϊται ταῖς Ἑλικωνιάσιν ·

ταὶ δὲ μελάμφυλλοι δάφναι τιν, Πύθιε Παιάν,

Δελφίς ἐπεὶ πέτρα τοῦτό τοι ἀγλαΐσεν.

βωμὸν δ' αἰμάξει κεραὸς τράγος οὔτος ὁ μάλος,

τερμίνθου τρώγων ἔσχατον ἀκρεμόνα.

Estas rosas viçosas, e este farto

tomilho jazem para as Helicônias;

e estas folhas escuras dos loureiros

que nas pedras de Delfos te consagram

jazem em honra a ti, Pítio, ó Peón.

E este bode chifrudo, bode branco,

há-de cobrir o teu altar com sangue,

ele que come pela vez final

ramos do terebinto.

### Comentário

Um devoto inominado oferece às musas Helicônias (Ἑλικωνιάσιν, v.2) rosas e tomilho (ρόδα, v.1, ἔριπυλλος, v.2) e ao deus Apolo, evocado como Pítio Peón (Πύθιε Παιάν, v.3), louros e o sacrifício de um bode (δάφναι, v.3, τράγος, v.5). Especula-se (Gow e Page, 1965b, p.528) que o poema (de autoria duvidosa) constitui uma dedicatória verdadeira, com a descrição de uma pintura ou relevo entregue como exvoto (Fernández-Galiano, 1978, p.199).

### 46. Teócrito (AG 6, 338)

Ἕγμῖν τοῦτο, θεαί, κεχαρισμένον ἄνθετο πάσαις  
τῶγαλμα Ξενοκλῆς ἄνθετο μαρμάρινον,  
μουσικός· οὐχ ἑτέρως τις ἐρεῖ. σοφία δ' ἐπὶ τᾶδε  
αἶνον ἔχων Μουσέων οὐκ ἐπιλανθάνεται.

117

Esta estátua de mármore  
ó deusas, para vós todas que sois,  
por gratidão ofereceu Xenocles,  
o músico (ninguém dirá que não).  
Por seu talento enaltecido, as Musas  
ele jamais esquece.

### Comentário

Xenocles (Ξενοκλῆς, v.2) dedicou às Musas (Μουσέων, v.4) uma estátua (τῶγαλμα, v.2). O motivo da oferta é a gratidão pelo talento que as deusas lhe garantiram.

47. Teodóridas (AG 6, 157)

Ἄρτεμις, ἡ Γόργιο φύλαξ κτεάνων τε καὶ ἀγροῦ,  
τόσῳ μὲν κλώπας βάλλε, σάου δὲ φίλους·  
καὶ σοὶ ἐπιρρέξει Γόργος χιμάροιο νομαίης  
αἶμα καὶ ὠραίους ἄρνας ἐπὶ προθύροις.

Ártemis, protetora

das terras e dos bens de Gorgo, atinge  
com teu arco os ladrões, guarda os amigos  
– e em tua honra Gorgo verterá  
o sangue de uma cabra do rebanho  
e cordeiros de um ano em teus portais.

Comentário

Para a deusa Ártemis (Ἄρτεμις, v.1) Gorgo (Γόργιο, v.1, v.3) (ou alguém em seu nome) pede proteção, prometendo o sacrifício de uma cabra (χιμάροιο, v.3) e de cordeiros (ἄρνας, v.4). A deusa, evocada amiúde como protetora dos partos (quando chega sem armamento), é solicitada aqui por sua qualidade de arqueira: com o arco ela espante os ladrões da propriedade.

48. Anônimo (AG 6, 48)

Κερκίδα τὴν φιλοεργὸν Ἀθηναίη θέτο Βιττῶ  
ἄνθεμα, λιμηρῆς ἄρμενον ἐργασίης,  
πάντας ἀποστόξασα γυνὴ τότε τοὺς ἐν ἐρίθοις  
μόχθους καὶ στυγεράς φροντίδας ἰστοπόνων·  
εἶπε δ' Ἀθηναίη· “τῶν Κύπριδος ἄψομαι ἔργων,

τὴν Πάριδος κατὰ σοῦ ψῆφον ἐνεγκαμένη.”

Sua hábil lançadeira

Bitô depositou aos pés de Atena  
de presente, instrumento de árduo ofício,  
mulher que agora odeia a fiacção  
e o fardo miserável de tecer.  
E disse para Atena: “Quero agora  
os trabalhos da Cípria - e como Páris  
eu voto contra ti.”

#### Comentário

Bitô (Βιττώ, v.1) entregou para a deusa Atena (Ἀθηναίη, v.1, v.5) um presente (ἄνθεμα, v.2), sua lançadeira (κερκίδα, v.1). O motivo da doação é a troca de profissão: por passar a odiar (ἄπιστόξασα, v.3) a tecelagem, profissão devotada à casta Atena, por suas penas e fadigas, Bitô decidiu ganhar a vida como prostituta venerando Afrodite, evocada por Cípria (Κύπριδος, v.5). O verso final menciona Páris Alexandre, o príncipe troiano que, quando era pastor, julgou a beleza de três deusas (Atena, Hera e Afrodite) e preferiu Afrodite, que lhe prometera Helena como prêmio, causa da guerra de Troia - e uma vez mais é Afrodite quem vence (Fernández-Galiano, 1978, p.379). Os dois versos iniciais são idênticos aos do poema 3, apenas com adjetivos diferentes a predicar a lançadeira (“hábil” neste, “sonora” naquele); é difícil determinar qual é o emulado (Gow e Page, 1965b, p.578-579).

#### 49. Anônimo (AG 6, 280)

Τιμαρέτα πρὸ γάμοιο τὰ τόμπανα, τὴν τ' ἐρατεινὴν  
σφαίραν, τὸν τε κόμας ῥύτορα κεκρόφαλον,  
τάς τε κόρας, Λιμνάτι, κόρα κόρα, ὡς ἐπεικέες,

ἄνθετο, καὶ τὰ κορᾶν ἐνδύματ' , Ἄρτεμιδι.

Λατώα τὸ δὲ παιδὸς ὑπὲρ χέρα Τιμαρετείας

θηκαμένα, σώζοις τὰν ὄσιαν ὀσίως.

Antes do casamento, Timareta

ofereceu-te os tamborins, a bola

amada, o véu, abrigo dos cabelos,

as bonecas, ὁ Ἄρtemis de Limne,

de virgem para virgem,

como convém, e as roupas das bonecas.

Estende tua mão sobre esta filha

do pai Timareto, ὁ filha de Leto –

com respeito conserva-a respeitável.

### Comentário

Timareta (Τιμαρέτα, v.1) entrega a Ἄρtemis (Ἄρτεμιδι, v.4) objetos de menina: os tamborins, a bola, o véu, bonecas com roupinhas (τόμπιανα, v.1, σφαῖραν, v.2, κεκρύφαλον, v.2, κόρας, v.3, ἐνδύματ[α], v.4). O motivo da entrega é a chegada do casamento (γάμοιο, v.1), o que encerrará a fase de virgem (κόρα, v.3). Ἄρtemis era evocada como Limneia ou de Limne (Λιμνῶτι, v.3, literalmente, “dos lagos ou pântanos”), especialmente na região do Peloponeso, onde havia mais de uma cidade com este nome (Gow e Page, 1965b, p.578; Fernández-Galiano, 1978, p.380). No poema explora-se o duplo sentido de κόρα (“virgem” e “boneca”), termo que aparece quatro vezes (v.3-4), sempre variando a forma. Ainda que pese a tenra idade com que Timareta é dirigida às bodas, a persona poética enfatiza o respeito religioso (ὄσιαν ὀσίως, v.6) que ela deseja que a jovem noiva, devota de Ἄρtemis, encontre no casamento.

### 50. Anônimo (AG 6, 283)

Ἡ τὸ πρὶν αὐχῆσασα πολυχρύσοις ἐπ' ἔρασταῖς,  
ἢ Νέμεσιν δεινὴν οὐχὶ κύσσασα θεὸν,  
μίθθια νῦν σπαθίοις πενιχροῖς πηνίσματα κρούει.  
ὄψέ γ' Ἀθηναίῃ Κύπριν ἐληΐσατο.

Quem ostentava outrora  
riquíssimos amantes, quem jamais  
venerou a terrível deusa Nêmesis  
- agora por salário em tecelagem  
bate pobres espátulas.  
Tarde Atena pirateou a Cípris.

#### Comentário

O poema não constitui uma dedicatória. A cortesã inominada, antes (πρὶν, v.1) soberba devota de Afrodite, a Cípris (Κύπριν, v.4), agora (νῦν, v.3) como tecelã protegida de Atena (Ἀθηναίῃ, v.4) trabalha em instrumentos pobres, vingança da deusa Nêmesis (Νέμεσιν, v.2) nunca reverenciada por ela.

#### Poetas coligidos (em ordem alfabética)

Anite de Tégea (cerca de 300 a.C.) (24 poemas na *Antologia Grega*, 3 no Livro 6): 1, 2

Antípatro de Sídon (c. 125 a.C.) (68 na AG., 14 no Livro 6): 3, 4

Calímaco de Cirene (c. 300 a.C.) (70 na AG, 11 no Livro 6): 5-9

Damageto do Peloponeso (c. 220 a.C.) (12 na AG, 1 no Livro 6): 10

Erina (c. 250 a.C.) (3 na AG, 1 no Livro 6): 11

Leônidas de Tarento (c. 300 a.C.) (103 na AG, 33 no Livro 6): 12-24

Meleagro de Gádara (c. 100 a.C.) (132 na AG, 2 no Livro 6): 25, 26

Mero de Bizâncio (c. 300 a.C.) (2 na AG, ambos no Livro 6): 27, 28

Mnasalces (c. 250 a.C.) (18 na AG, 5 no Livro 6): 29, 30

Nicarco (4 na AG, 2 no Livro 6): 31, 32

Nícias de Mileto (c. 300 a.C.) (8 na AG, 3 no Livro 6): 33, 34

Nóssis da Lócrida (c. 300 a.C.) (12 na AG, 6 no Livro 6): 35-39

Pâncrates (3 na AG, 2 no Livro 6): 40

Perses (c. 300 a.C.) (9 na AG, 3 no Livro 6): 41, 42

Riano (c. 250 a.C.) (10 na AG, 3 no Livro 6): 43

Teócrito de Siracusa (c. 300 a.C.) (23 na AG, 6 no Livro 6): 44-46

Teodóridas de Siracusa (c. 250 a.C.) (19 na AG, 5 no Livro 6): 47

Anônimos (60 na AG, 7 no Livro 6): 48-50

## Referências

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1950.

CAIRNS, F. **Generic composition in Greek and Roman Poetry**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1972.

GOW, A. S. F., PAGE, D. L. **The Greek Anthology**: Hellenistic epigrams. Vol. I Introduction, text, and indexes of sources and epigrammatists. Cambridge. Cambridge University Press, 1965a.

GOW, A. S. F., PAGE, D. L. **The Greek Anthology**: Hellenistic epigrams. Vol. II Commentary and indexes. Cambridge. Cambridge University Press, 1965b.

ECO, H. **Dizer quase a mesma coisa**: sobre tradução. Trad. J. C. Barreiros. Alges: Difel, 2005.

FERNÁNDEZ-GALIANO, M. **Antología Palatina**: epigramas helenísticos. Madrid: Gredos, 1978.

JESUS, C. A. M. **Antologia Grega**: epigramas votivos e morais (livros VI e X). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1940.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. **Dicionário Grego-Português**. 2ª edição. Cotia/Araçoiaba da Serra: Ateliê Editorial/Mnema, 2022.

MURACHCO, H. **Língua grega: visão semântica, orgânica, lógica e funcional**. São Paulo/Petrópolis: Discurso Editorial/Editora Vozes, 2003.

PAES, J. P. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PATON, W. R. **The Greek Anthology** (Books I-VI). London: Harvard University Press, 1993 [1ª ed. 1916].

PONTANI, F. M. **Antologia Palatina** (Volume primo, Libri I-VI). Torino: Giulio Einaude Editore, 1979.

RAGON, E. **Gramática Grega**. Trad. C. Bartalotti. São Paulo: Odysseus, 2012.